

4a. PARTE — DISCURSOS

“ILHA DA CANÇÃO” (*)

Newton Gonçalves

“... O perigo de se fazer Poeta, que segundo dizem, é enfermidade incurável e pegadiça.”

Cervantes: Dom Quixote

Finalmente **Pedro Henrique Saraiva Leão** se resolveu a dedilhar de-novo, a “**sonora lira**”, sem largar, naturalmente, o instrumento de sua vocação maior: o bisturi. E deu vez às suas emoções, realizando um desejo incontido de comunicar-se, fonte perene da poesia.

O bisturi também é criador e o seu manuseio correto obedece ao ritmo, à cadência, à harmonia e parece regulado pela métrica dos gestos, ou por uma música interior, que o cirurgião “**escuta**” no silêncio do ato operatório.

Espero que os poemas de **Pedro Henrique** não tenham bom gume, como ele desejou. A poesia não fere, mesmo se é libertadora como “A Marselheza”, ou revela a preocupação social das “**Vozes d’África**”.

Embora quase sempre exalte os sentimentos, a poesia é afinal tranqüilizante e serve para apaziguar a alma.

Mathew Arnold deu à poesia um grande futuro curativo e restaurador do espírito.

Os cientistas defendem, com razão, a importância da ciência na sociedade contemporânea; mas, **Rames Reeves** diz tam-

(*) Palavras pronunciadas pelo Acadêmico Newton Gonçalves no lançamento do livro “Ilha da Canção”, de autoria do Prof. Pedro Henrique Saraiva Leão, no salão nobre da Reitoria da UFC, a 17-4-1983.

bém, com propriedade, que este não teria sentido sem “the successes of unreason” (o êxito da insensatez) arte, comédia, música, poesia e altruísmo.

Goethe preferia os erros de sensibilidade aos triunfos da razão e talvez por isso se tenha imortalizado em Werther, o jovem que se matou por amor!

*

* *

Pedro Henrique:

Jamais consinta o gume do escalpelo em seus versos.

Li “**Ilha da Canção**” à procura de um ponto para ancorar a minha inquietude e a minha angústia; e de encontrar em suas páginas de pluma, toda a paz que a poesia sempre me deu Paz e ilusão. Haverá diferença?

Entendi o pejo confessado na introdução do seu precioso livrinho, como uma rima; pois você já não conseguiria negar por mais tempo a sua apurada percepção da dor humana; do sofrimento destilado no trato diário com os doentes. E a rima, nem seria essencial...

A sua poesia tão diferente; às vezes estranha, é um hino às palavras; manifestação de sensibilidade tão forte quanto a dos tecidos dissecados por ele para restituir a perfeição da forma ameaçada pela doença.

Você não se deve preocupar com o cirurgião encantado pelo poeta; pois seus versos nos revelam o desejo de atingir a excelência em tudo que faz e são o próprio bálsamo das feridas abertas pelo seu bisturi; no propósito de restaurar a harmonia do corpo, onde a alma se prende na vaidade fátua e efêmera da vida!

*

* *

Em longa dedicatória, de pontuação livre, lembrando um trecho de **Joyce** ou de **Appolinaise** — não sei — **Pedro Henrique** homenageia grandes poetas, mensageiros das ilusões consoladoras.

Não senti, felizmente, o anunciado gume dos versos de **Pedro Henrique**, que não ferem, nem maltratam. Pelo contrário, trazem-nos paz e calma; alívio e consolo, beleza e esperança!

*

* *

Sensível como um sismógrafo, Pedro Henrique percebeu logo a minha incerteza de pisar este chão, onde tantos ideais meus se arraizaram; tantas recordações ainda florescem e muitos amigos diéticos repousam na hora da longa viagem sem volta.

Eu já me prometera não vir mais aqui.

Não, que me passassem ressentimentos, ou máguas. Mil vezes não.

Mas, eu esquecera o conselho de **Brecht**: “Enquanto vivo, não diga: Jamais!”

As palavras do teatrólogo do “alheimento” (e o artista conhece os muitos lados da vida) estão implícitas nos cantares do coro de **Édipo-Rei**:

“Devemos chegar à barreira da morte para fazer afirmações categóricas”.

Pedro Henrique tem as qualidades do bom confessor, exigidas por Santo Tomás (Virtude, Ciência, Prudência) e não argüiu a impolidez de minha recusa inicial. Num gesto discreto, me trouxe para ler o texto original; como homenagem silenciosa de moço generoso.

Foi a isca que me prendeu e de um jacto cheguei a esta poesia conciliadora:

“Fica sempre um pouco de nós por onde andamos,
os nossos braços naqueles que abraçamos;
fica sempre algum sussurro naquilo que gritamos
fica sempre algum calor no leito onde dormimos,
alguma nódoa daquilo que vertemos;
sempre algo de nós naquilo que largamos,
um resto de pó dos caminhos que trilhamos,
algum senso na loucura que adotamos,
um ganho qualquer naquilo que perdemos;
fica sempre um bem querer naqueles que sofremos
e sempre algo por dizer
daquilo que dissemos.”

Para **Ortega y Gasset** o sinal de um grande poeta é ele nos contar algo, que ninguém havia dito antes e não ser novo para nós.

Os versos da **Ilha da Canção** me sabem a vinho velho, “**d'appellation controllée**”, para ser tomado gole a gole; gozado verso por verso. Vinho de adegas subterrâneas, bem descansado antes de ser bebido com delícia. Vinho com corpo, cor e aroma.

*
* *
*

Não farei a crítica literária da poesia de **Pedro Henrique**, nem lhe apontarei inevitáveis influências de Bandeira, de Drummond e de outros, que todos lemos, no verso esvoaçante, bem humorado quando necessário; muito profundo, quando preciso.

As minhas impressões literárias são sempre espontâneas e depuradas de technicalidade. Embriago-me de poesia como um boêmio, sem considerar os atributos das escolas, ou dos gêneros, às vezes complicados. Até porque não se precisa conhecer muito a teoria poética para compreender a poesia. **Cole-ridge** dizia mesmo que a poesia atinge o máximo da perfeição quando é incompletamente compreendida, pois, vale em grande parte pela mágica, que contém. E mágica é como anedota: explicada perde a graça... Aliás, a poesia pode comunicar-se antes de ser entendida, está escrito em T. S. Eliot.

Li um quase nada de Horácio. (“poesia é deleitar e comover”); uma pitada de Aristóteles e, com mais vagar, um livro quase didático chamado **Understanding Poetry, de James Reeves**.

O estudo superficial da linguagem (“poetry is language”) me confundiu; mas, logo me convenci de que me faltava o essencial e de que todas as teorias me seriam inúteis para adquirir a sensibilidade poética que sobra em **Pedro Henrique**, transborda em **Francisco Carvalho** e brota cristalina em **Artur Eduardo Benevides**. Os três sabem como expressar-se, realmente, em linguagem efetiva.

Gosto imensamente de poesia. A poesia me é necessária, cada vez mais, como uma espécie de oxigênio para o espírito. Talvez seja “un supplément d’âme”, como dizia Bergson.

Ainda menino, ganhei de presente uma miscelânea muito bonita, feita na Tipografia Gadelha, especialmente para mim. Em suas folhas brancas coleí muitas poesias. E um psicólogo curioso poderá acompanhar, na seqüência de alguns poemas ali guardados, os meus estados d’alma, de menino, de adolescente e de rapaz...

Mas, sem inspiração para que me serviriam montes de mármore de carrara, todas as tintas de uma paleta; as palavras de um dicionário; saber decorada as regras de versejar com uma ou quatorze sílabas, saber tanto se me faltam a idéia que modelou **Moisés**; o sentimento-protesto, que pintou Guerniça; o não-sei-que de uma página de Grandes Sertões, Veredas, ou o gênio que compôs os **Lusiadas**?

Os poemas, diz o citado Reeves, não são feitos, crescem.

O poema é o poeta. Não descabe aqui um parêntese:

Li muita poesia, muita mesmo. Nacional e estrangeira.

Embora consciente das limitações do verso traduzido, tive que recorrer, na maioria dos casos, às traduções.

Até os **Lusiadas** precisam hoje de dicionários especializados para um entendimento razoável.

Shakespeare, Goethe, Chaucher — dezenas deles — precisam ser traduzidos para as próprias línguas originais, modernizados, harmonizados com a evolução semântica, para serem entendidos.

É muito fácil esculpir uma estátua, dizia o escultor insigne: Toma-se um cinzel, um martelo e se retira o excesso de mármore que oculta a figura imaginada. E pronto: **Parla!!**

O domínio das belas-artes e das belas letras me escapa; mas, escravizo-me ao seu fascínio e por isso me enterrei na leitura de **Ilha da Canção**.

*

* *

Na Ilha: Pedro Henrique joga e brinca com as palavras, só pelo prazer de ouvir a musicalidade de suas combinações: às vezes apenas sons guardados na lembrança do estudante que freqüentou vetustos tratados de sistemática botânica:

“Cassia angustifolia fagopyrum esculentum
Canna cedulis aralia nudicaulis
Maximus ornus elleteria cardamomum
trillium erectum phaelus vulgaris”

Ora nos reaparece o aplicado aluno de semiologia cirúrgica:

“e este prurido, João?
esta azia vaga, este cansaço fácil
este remédio inútil
esta fútil robustez?”

Em “rondó de João” Pedro Henrique se revela um verdadeiro “Word-chooser”:

João de dia João de noite
João deitado João de ré
João de barro João de fumo
João de verme João de vurmo
João de foice João de coice
João de tripa João de pão
João de osso João de aço
João de brisa João de brasi
João de sal João de sol
João de cio João de chão
João de pá João de pó
João sem nome João com fome
João sem pão João com mão
João de in(j)usto João perfuro
João com (um) dois três
João maduro João de vez.

★

★ ★

Alguns de seus poemas me relembram passada fase concretista, os concretemas e perderiam o efeito plástico na leitura oral.

*
* *

As estrofes abaixo tentam a ler o poema todo, mas, seria um nunca acabar. Uma amostrinha só:

“não tenho medo de câncer
temo que canses de mim
não temo ficar mudo
mas que não fales de mim”.

Sua “bagagem de morto” é um inventário das aspirações do poeta e dos seus desenganos. Conclui assim:

“na minha bagagem de morto
não irei”.

*
* *

De bom grado eu releria agora todo o livro de poesias de Pedro Henrique, **verso por verso**, sem cansar.

Mas, não me despeço sem recitar este poemito tão delicado, palavras luziluzentes, de enamorado em noite de luar:

“Se eu fosse te escrever
escrever-te-ia em minúsculas
nunca em maiúsculas
embora subliminarmente
eu te sublinhasse;
se eu fosse te pintar
nunca usaria o azul
talvez um vermelho contido
esbatido, apenas um tênue rubor
se eu fosse te esculpir
faltaria mármore, meu amor”.

Não quero roubar a mês o prazer de ler o livro completo; nas linhas e nas entrelinhas, no texto, no entretexto e no contexto.

*

* *

Quem ainda não conhece intimamente **Pedro Henrique Saraiva Leão** tem em **Ilha da Canção** a sua radiografia sentimental, nítida e transparente, ao mesmo tempo, coisa que só poeta mesmo faz, milagre e miragem das palavras.

*

* *

Pedro Henrique soube esconder o gume do seu bisturi na doçura de sua poesia, repito. E nos deu mais uma prova de que os cirurgiões também são almas poéticas, criativas, sensíveis.

As letras estão de parabéns e os cirurgiões cearenses se orgulham de mais um colega no reino das musas, a quem possam recorrer nos dias das soluções cruentas, nas dores e nas angústias.

O mundo atual precisa de poesia.

*

* *

Meu caro Pedro Henrique,

Desculpe se lhe emudecemos a lira em seus dias acadêmicos. Espero que agora não interrompa mais o fluxo de sua inspiração poética e continue compondo versos tão bem como aprendeu a recompor tecidos.

Os cirurgiões não têm motivos de sentir pejo dos versos que compuserem. Nós é que devemos lamentar, que nem todos os cirurgiões sejam poetas como você.

Palavras pronunciadas no lançamento do livro **ILHA DA CANÇÃO**, de autoria do Prof. Pedro Henrique Saraiva Leão. Salão Nobre da Reitoria da UFC.

17.4.1983